

ANÁLISE DE *TEXTOS* E *METATEXTOS* GRAMÁTICAIS: COSTA DUARTE (1829, 1853, 1859, 1877) E BITHENCOURT (1862) SOBRE O ‘VERBO SUBSTANTIVO’

Bruna Polachini*

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos duas gramáticas brasileiras oitocentistas que concordam em seus *textos* de descrição linguística, mas que em seus *metatextos*, isto é, em notas de rodapé que discutem e explicam o *texto*, divergem e promovem um interessante debate sobre o conceito de ‘verbo substantivo’. As gramáticas são o compêndio de Costa Duarte, do qual analisamos quatro edições (1829, 1853, 1859, 1877), e a primeira e (provavelmente única) edição do epítome de Bithencourt (1862). Nos *textos*, podemos ver claramente que o horizonte de retrospectão (Auroux 1992) dessas obras é a famosa gramática filosófica do lusitano Soares Barbosa (1822). Entretanto, nos *metatextos* Costa Duarte (1853, 1859, 1877) apresenta uma subversão do conceito de ‘verbo substantivo’ de Soares Barbosa (1822), ao passo que Bithencourt (1862) critica o gramático brasileiro e valoriza o conceito dado pelo gramático português.

PALAVRAS-CHAVE

Gramaticografia brasileira do português, Século XIX, Verbo substantivo.

ABSTRACT

In this work, we present two Brazilian grammars of the 19th century that agree in their texts of linguistic description, while disagree in their metatexts, that is, footnotes in which they discuss and explain the text. This disagreement promotes an interesting debate on the concept of ‘substantive verb’. We analyze four editions of the compendium by Costa Duarte (1829, 1853, 1859, 1877), and the first (and probably single) epitome by Bithencourt (1862). In the texts of these grammars, we can see clearly that their horizon of retrospection (Auroux 1992) is the famous philosophical grammar by the Portuguese Soares Barbosa (1822). However, in metatexts, Costa Duarte (1853, 1859, 1877) tries to subvert the concept of ‘substantive verb’ by Soares Barbosa (1822), while Bithencourt (1862) criticizes the Brazilian grammarian and prizes the concept by the Portuguese grammarian.

KEYWORDS

Brazilian grammaticography of Portuguese, 19th Century, Substantive verb.

Introdução

O conceito de ‘verbo substantivo’ aparece na tradição brasileira oitocentista¹ por conta do impacto que esta sofre sobretudo da tradição francesa da *grammaire générale*. Oficialmente iniciada com a publicação da *Grammaire Générale et Raisonnée* (ou Gramática de Port-Royal), de Arnauld e Lancelot, em 1660, e depois desenvolvida na França e em outros países até fins do século XIX, esta tradição tem como princípio a preferência por explicações de fenômenos linguísticos, em vez de simples descrição, e, sobretudo, baseia-se na premissa de que o raciocínio lógico seria próprio dos humanos,

* Mestra em Linguística pela Universidade de São Paulo e aluna de doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Olga Coelho, do Programa de Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo.

¹ Estudamos, em nossa pesquisa de doutorado, o desenvolvimento do conceito de ‘verbo substantivo’ ao longo do século XIX, em gramáticas brasileiras do português. Escolhemos um recorte de nossa pesquisa para apresentar e aprofundar nesse artigo.

concluindo que sendo as línguas uma expressão desse raciocínio, haveria algo comum entre todas elas. A sentença ou proposição era, então, definida tal como a proposição lógica, isto é, como a conexão entre um sujeito e um atributo ou predicado, a qual seria realizada por uma cópula. Assim, no nível lógico e do raciocínio humano, único, a proposição sempre seria assim analisada, ainda que nas línguas, variáveis, essa estrutura não fosse vista. O exemplo clássico da gramática de Port-Royal para este caso é a proposição em francês *Pierre vit* (*Pierre vive*), que deveria ser analisada como *Pierre est vivant* (*Pierre é vivente*). O conceito de ‘verbo substantivo’ era considerado responsável pela conexão entre os dois termos da sentença e, portanto, pela afirmação. Ademais, os autores diziam que este era o único verbo real, ao passo que os outros seriam a abreviação entre um ‘verbo substantivo’ e um ‘atributo’², e, por isso, seriam chamados de ‘verbos adjetivos’. Este conceito sofreu algumas modificações conforme o desenvolvimento da tradição da *grammaire générale* (cf., por exemplo, Rosiello 1964, Bouard 2007).

Para este artigo, selecionamos duas gramáticas brasileiras, a saber, o compêndio de Costa Duarte, em quatro edições (1829, 1853, 1859, 1877), e o epítome de Bithencourt, apenas uma edição (1862), por diversas razões. Primeiramente, ambas participam do período em que houve intenso impacto da *grammaire générale* no Brasil³. Segundo, porque notamos que é estabelecido entre elas um interessante diálogo (ou talvez monólogo, como discutiremos adiante) a respeito de pontos importantes da *grammaire générale*, tal como o ‘verbo substantivo’. Tal diálogo se dá nesses textos por meio de uma particularidade estilística: os autores usam notas de rodapé para discutir e explicar, longamente, a descrição linguística apresentada no texto da obra. Chamaremos esses longos textos em notas de rodapé de *metatextos*, visto que eles se configuram como uma discussão sobre o *texto* de descrição linguística.

Este artigo é dividido em três partes. No próximo item, 2, descrevemos o contexto de produção do material analisado. No item 3, apresentamos a análise comparativa de *texto* e *metatexto*, a qual dividimos em duas partes. Na primeira, 3.1, exploramos parte

² *On peut dire que le verbe de lui-même ne devoit point avoir d'autre usage que de marquer la liaison que nous faisons dans notre esprit des deux termes d'une proposition; mais il n'y que le verbe être qu'on appelle substantif qui soit demeuré dans cette simplicité, & encontre l'on peut dire qu'il n'y est proprement demeuré que dans la troisième du present, est, & en de certaines rencontres.* (Arnauld & Lancelot 1803 :332-333)

³ Como se sabe, inicia-se na década de 1880 um movimento epistemológico, mas sobretudo retórico, de que a ciência linguística não estaria conectada à filosofia, mas sim às ciências naturais e históricas. Aos poucos, nas duas últimas décadas do século XIX, a *grammaire générale* perde espaço nas descrições gramaticais do português escritas no Brasil (cf. Maciel 1910, Nascentes 1939, Elia 1975, Cavaliere 2001, Parreira 2011, Polachini 2013).

relevante do horizonte de restrospecção das gramáticas, isto é, a *Grammatica Philosophica* do português Jerônimo Soares Barbosa (1822) e como esse horizonte afeta sobretudo os *textos* das obras. Na segunda, 3.2, a análise se foca em explorar o *metatexto* das gramáticas brasileiras, observando o diálogo que se dá entre elas. Por fim, no item 4, apresentamos considerações finais.

Material analisado

Observando o “Diccionario Bibliographico Brasileiro” de Sacramento Blake, temos a bibliografia e uma breve biografia dos autores. As bibliografias, mais informativas, nos permitem ter notícia do tipo de publicação que era realizada por eles. Costa Duarte, que sabemos ter nascido no final do século XIX no Maranhão sem, porém, saber a data de sua morte, escreveu, segundo Blake, um compêndio de gramática, do qual Blake menciona duas edições (1883: 144-145). A primeira é denominada *Compendio de grammatica portugueza para uzo das escolas de primeiras letras, ordenado, segundo as doutrinas dos melhores grammaticos*, o qual, publicado em 1829, era oferecido a “Candido José de Araujo Vianna, então presidente da provincia do Maranhão, deputado nas cortes legislativas, cavaleiro da ordem de cristo e desembargador da relação de Pernambuco”.

Esta gramática teria uma segunda edição em 1840, a qual é também mencionada por Blake, com novo título e já acrescentada, ela se chamava *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*, o qual teria sido escolhido pela congregação do lyceu do Maranhão para uso do mesmo lyceu. Nota-se, portanto, que esta segunda edição alcançou certo prestígio. Blake (1883) menciona apenas as duas edições supracitadas, mas temos conhecimento de outras três, a terceira de 1853, que mantém o título da anterior, a quarta edição, de 1859, acrescenta que agora além de ser selecionada para uso do Lyceu do Maranhão, ela também seria usada pelas escolas de primeiras letras da província. Não temos notícia do ano da quinta edição, mas tivemos contato com a sexta, publicada em 1877, que manteve o título da quarta. A partir dos subtítulos das edições publicadas entre 1840 e 1877, pode-se inferir que a gramática de Costa Duarte alcançou um prestígio considerável, o qual durou um período aproximado de quatro décadas na província do Maranhão⁴.

⁴ Tema que certamente merece maior investigação, visto que há outras gramáticas de grande prestígio no período e que são publicadas na província do Maranhão, como o compêndio de Condurú, publicado pela primeira vez em 1851 (do qual tivemos acesso apenas à décima terceira edição, de 1887) e a gramática portuguesa de Sotero dos Reis, que teve, ao menos, três edições, publicadas em 1866, 1871 e 1877.

Em 1862, Raymundo Antonio Camara Bithencourt, natural do Rio de Janeiro, publicou seu primeiro e único tratado gramatical, denominado *Epítome da grammatica philosophica da lingua portugueza*, da qual só tivemos conhecimento, até o momento, da primeira edição. De acordo com a lista fornecida por Blake (1900:107-108), dos outros dez textos do autor, oito são publicados entre os anos de 1861 e 1863, um deles não tem data e outro foi publicado em 1893. Todos, exceto pelo epítome, consistem de traduções de textos em língua francesa para o português. Todo esse grande número de publicações num curto período de tempo não parece ser em vão, o autor declara no prólogo do epítome que um dos motivos para a publicação do texto era a busca por um emprego numa repartição pública. Citamo-lo:

Um outro motivo, e perdôe-se-nos o orgulho, actuou tambem poderosamente em nós na composição deste epitome, a saber: a necessidade que tinhamos de provar solemnemente nossas habilitações, para bem exercermos um emprego em qualquer Repartição publica, um desses barateados á ignorancia, e arrançados pelo patronato; um emprego, emfim, que nos ponha a abrigo das primeiras necessidades da vida, já que o governo do paiz (não nos refirimos aos ministerios actual, ao qual por ora nada temos pedido) nunca se dignou de attender-nos. Acreditamos que o ministerio presidido pelo venerando Marquez de Olinda, tão amigo e protector das letras como é, nos fará justiça, e não consentirá que um moço que reúne algumas habilitações, com as quaes pôde até prestar bons serviões em uma secretaria d'estado, continue a viver sem um emprego e sem meios de prover á subsistencia de sua familia. (Bithencourt 1862: vii-viii)

Não podemos dizer com toda certeza, mas talvez essa motivação esteja, de modo geral, na intensa publicação de textos traduzidos pelo autor entre 1861 e 1863. A outra razão para a publicação do epítome, apresentada antes da supracitada, é estarem, então, esgotadas as edições da gramática de Soares Barbosa (1822), e pelo fato de que esta mesma gramática seria muito difusa e, portanto, não ser adequada ao ensino em aulas. Assim, Bithencourt pretende com a publicação da sua substituir a gramática do português Soares Barbosa. Ademais, ele ressalta ainda logo no início do prefácio que tem objetivo de reparar pontos apresentados nas gramáticas de Costa Duarte (e também de outros gramáticos), os quais não seriam apropriados justamente por não estarem de acordo com a gramática de Soares Barbosa.

No Maranhão o Sr. padre Antonio da Costa Duarte deu lume a um compendio que tem muitas cousas aproveitaveis, algumas das quaes adoptamos no presente epitome; mas sem fazer injustiça áquelle grammatico, é força reconhecer que grande numero das suas definições, das suas doutrinas e opiniões, ao menos no nosso modo de pensar merecem reparo e não podem ser aceitas. Quando o Sr. Costa Duarte se aparta do insigne Soares Barbosa, sustenta doutrinas que nos parecem pouco grammaticaes. Outros compendios temos examinado que não são mais escoimados do que o de que tratamos. (Bithencourt 1862: vi)

Nossa contextualização dos materiais baseou-se somente nos títulos das obras, no prefácio também no caso de Bithencourt, e no dicionário bibliográfico de Sacramento Blake, mas já permite uma visão mais aprofundada sobre as obras e seu contexto de produção.

A seleção das duas se dá pelo diálogo realização entre Costa Duarte e Bithencourt. Diálogo, que, em verdade, seria mais um monólogo. Pois há referências do gramático carioca ao gramático maranhense na publicação de 1862, sem, entretanto, que houvesse resposta deste para aquele em edições seguintes, como a de 1877. Como não temos ainda dados referentes à data de falecimento de Costa Duarte, pode ser que essa seja a razão. Certamente, não é apenas na definição do conceito de ‘verbo substantivo’ e do conceito de ‘verbo adjetivo’ que Bithencourt procura ‘reparar’ Costa Duarte em notas de rodapé, mas selecionamos particularmente esse tema para compará-los porque esse artigo é parte de nossa pesquisa de doutorado.

Análise de *textos e metatextos*

Horizonte de retrospectiva: uma mesma fonte

Bithencourt cita explicitamente Soares Barbosa (1822) como fonte principal de sua gramática, Costa Duarte não faz isso. Entretanto, é possível pensar que o gramático português fazia parte do horizonte de retrospectiva (Auroux 1992) também de Costa Duarte por meio da comparação entre textos⁵. Observamos adiante os *textos* das gramáticas brasileiras comparando-os ao que diz o gramático português.

Soares Barbosa (1822:191) diz que o ‘verbo substantivo’ é o verbo *ser*, aquele que “exprime a existência de uma qualidade, ou atributo no sujeito da proposição”. É o único verbo e indispensável na oração. Faz parte do ‘verbo atributo’⁶, e nele significa os modos, tempos, pessoas e números, ao passo que o ‘atributo’ apenas traz o significado de qualidade ao verbo. Ademais, explica a distinção entre ‘linguagens analíticas’ e ‘sintéticas’, as primeiras demonstram o ‘verbo substantivo’ e o ‘atributo’ em separado, ao passo que as segundas tem elementos como o ‘verbo adjetivo’, que nada mais é do que uma abreviação da linguagem analítica. Por fim, apresenta outra forma de analisar o ‘verbo adjetivo’, em ‘radical’ e ‘terminação’, na qual o primeiro representa o ‘atributo’,

⁵ “Influência” para Koerner (1989).

⁶ Entre os séculos XVII e XIV, houve termos diferentes para a designação do ‘verbo adjetivo’, como, por exemplo, ‘verbo atributivo’ e ‘verbo concreto’. O mesmo ocorreu com o termo ‘verbo substantivo’, que também foi denominado ‘verbo lógico’, ‘verbo simples’, ‘verbo concreto’, entre outros. Na tradição francesa da *grammaire générale*, essas mudanças de termo, por vezes, eram acompanhadas por mudanças parciais no seu conceito (cf. Bouard 2007).

representando qualidade ou ação, enquanto a ‘terminação’ é o ‘verbo substantivo’, que é variável e promove a ‘relação de coexistência’ entre a qualidade e o sujeito da oração. Adiante citamos três trechos da obra com grifos nossos:

[...] **verbo substantivo** *Ser*, assim chamado, porque elle so he quem **exprime a existencia de huma qualidade, ou attributo no sujeito da proposição**. Elle, propriamente falando, he o **unico verbo**, e o de huma necessidade **indispensavel na oração**. [...] Tudo o que o **verbo adjectivo** tem de essencial e proprio para exprimir esta coexistencia dos dous termos da proposição com todos seus **modos, tempos, pessoas, e números**, nao he seu: tudo he emprestado do verbo substantivo, que leva concentrado e entranhado em si; e a unica idea nova, que lhe ajunta, he a da **qualidade, ou attributo particular**, que se affirma do sujeito; que por isso se chama *Adjectivo*. (Soares Barbosa 1822: 191-192)

Se as Linguas se contentassem com explicar analyticamente as ideas, que o verbo contém empregando para cada huma sua palavra; não seriam necessarias outras Linguagens, senão as do verbo substantivo e seus auxiliares[...] Ellas satisfazem a todas as precizões da enunciaçõ do pensamento. [...] Assim bastará accrescentar a cada huma das Linguagens antecedentes o adjectivo verbal *Amante*, dirivado do verbo activo *Amo*, para dizer em mais palavras o que elle diz em huma so. *Ser Amante, Haver de ser Amante, Estar sendo Amante, Ter sido Amante, Sendo Amante, Tendo sido Amante* he o mesmo que *Amar, Haver de Amar, Estar Amando, Ter Amado, Amando, Tendo Amado*; e bem assim *Sou Amante, Hei de ser Amante, Estou sendo Amante, Tenho sido Amante* val o mesmo que *Amo, Hei ide Amar, Amando, Tenho Amado*, so com a differença de as primeiras Linguagens serem analyticas, e estas syntheticas. (Soares Barbosa 1822: 237-238)

Dividamos qualquer **verbo adjectivo** em dous membros, partindo-o pelas suas terminações em *ar*, *er*, e *ir* deste modo, *Am-ar, Tem-er, Ouv-ir*. O primeiro membro, quer conste de huma, [...] **Radical**, e a unica propria do **verbo adjectivo**, pela qual elle exprime **a qualidade, ou accção, que affirma da pessoa, ou pessoas, que são o sujeito, ou agente da Linguagem. Am, por ex., Tem, e Ouv servem de outros tantos adjectivos, equivalentes aos verbaes Am-ante, Tem-ente, Ouv-inte**. Esta parte radical e adjectiva he sempre a mesma e invariável em todos os tempos do verbo [...] **A segunda porém, que he a terminação em ar, ou er, ou ir, na qual está toda a força do verbo substantivo, e que, se pode dizer, he o mesmo verbo transformado**; esta varia de continuo, e toma, como elle, todos as fórmãs necessarias para exprimir **a coexistencia** da dicta qualidade nas pessoas, de quem a enuncia por differenres modos, e com relação a certos tempos, numero, e qualidade das mesmas pessoas. (Soares Barbosa 1822: 239-240)

Costa Duarte (1829) na primeira edição de sua gramática, embora mais conciso, apresenta conceitos de ‘verbo substantivo’ e de ‘verbo adjetivo’ que se assemelham com aqueles apresentados por Soares Barbosa (1822). Ressaltamos a noção de ‘coexistência’ do sujeito no atributo, a análise do ‘verbo adjetivo’ em ‘radical’ e ‘terminação’ e, por fim, a atribuição da conjugação ao ‘verbo substantivo’, seja quando isolado ou quando dentro do ‘verbo adjetivo’. Adiante, citamos as definições com grifos nossos:

Verbo Substantivo é o que **une o attributo** da oração com seu **sujeito**, e enuncia a **coexistencia** de um em outro; tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser*. (Costa Duarte 1829:36)

Verbo Adjectivo é a redução e concentração do sujeito, do **Verbo Substantivo**, e do **attributo** em uma só palavra, como; *Amo*, em lugar de *Eu Sou Amante*. Todo Verbo Adjectivo pode ser dividido em **duas partes**, de maneira que as **terminações ar, êr, ir** fação uma parte, as syllabas que as precedem outra, como: **Am-ar, Tem-er, Ouv-ir**. A primeira parte é a **Radical**, e exprime o **attributo**; *Am* é o mesmo que *Amante*, *Tem* o mesmo que *Temente*, e *Ouv* o mesmo que *Ouvinte*, por isso esta parte Radical é sempre a mesma e invariavel em todos os modos, tempos, e pessoas dos Verbos regulares. A segunda porém é o mesmo **Verbo Substantivo** transformado; e na **conjugação** vai tomando fórmãs diferentes (Costa Duarte 1829: 36)

Vejamos as edições posteriores da gramática de Costa Duarte (1853, 1859, 1877), que são idênticas entre si. Em princípio, no corpo do texto da gramática, ele define verbo substantivo como aquele que “não tem concentrado em si attributo algum, e serve de copula ou nexa que une os termos da proposição, isto é, o attributo e o sujeito. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser*; como *Pedro é sabio*.” (1853:43⁷). Em seguida, embora não fale de ‘existência’ na definição de verbo substantivo, como falava na edição de 1829, menciona que na língua portuguesa há dois verbos que exprimem a existência, *ser* e *estar* e conecta tal afirmação a uma longa nota de rodapé, a qual abordaremos no item 3.2. O ‘verbo adjectivo’, por sua vez, é definido como “concentração do attributo e o Verbo em uma só palavra, como: *Eu amo*, em lugar de *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante*”. O exemplo “eu tenho amor” chama atenção, visto que considera o verbo *ter* e não estava nos exemplos da edição anterior. Em seguida, há outra longa nota que abordaremos no próximo item. Citamos os trechos com grifos nossos.

Verbo Substantivo é o que não tem concentrado em si **attributo algum**, e serve de **copula** ou **nexa** que une os termos da proposição, isto é, o **attributo** e o **sujeito**. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser*; como *Pedro é sabio*. Tem a nossa Lingua dois Verbos que exprimem a existencia; o Verbo *Ser*, que significa *uma existencial habitual e permanente*; o Verbo *Estar*, que enuncia *uma existencia actual e temporaria*. Isto se dá bem a conhecer nos exemplos seguintes: *Eu sou doente*; *Eu estou doente*. (Costa Duarte 1853: 43)

Verbo Adjectivo é a concentração do attributo e o Verbo em uma só palavra, como: *Eu amo*, em lugar de *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante*. [...] Todo verbo adjectivo pode ser dividido em duas partes de maneira que **as terminações ar, êr, ir** fação uma parte e as syllabas que as precedem outra, como: **Am-ar, Tem-er, Ouv-ir**. [...] ***Eu amo, isto é, Eu tenho amor, ou Eu sou amante; Eu tenho amado, isto é, Eu tenho tido amor, ou Eu tenho sido amante; Eu Hei de amar, isto é, Eu hei de ter amor, ou Eu hei de ser amante***” (Costa Duarte 1853: 63-4)

Bithencourt (1862:81-2) afirma inicialmente que “o verbo *ser* é substantivo, *estar, haver e ter* são os auxiliares, e todos os demais são adjectivos”. Posteriormente acrescenta que o ‘verbo substantivo’ não tem concentrado em si atributo algum, e que toma diversas formas para indicar eras diferentes da existência, entretanto, por vezes, precisa dos

⁷ Temos como base de nossas citações as páginas de 1853. Entretanto, as edições de 1859 e 1877 têm textos idênticos à de 1853, com uma paginação sutilmente diferente.

auxiliares para significar determinadas eras. Páginas depois, ao definir o ‘verbo adjetivo’, o considera a união entre ‘verbo substantivo’ e ‘atributo’ em uma só palavra e, tal como as gramáticas anteriormente analisadas, afirma que este verbo pode ser dividido em ‘radical’, que representaria o ‘atributo’ invariável, e ‘terminação’, que variaria no tempo – o que pode nos fazer supor que corresponde ao ‘verbo substantivo’. Citamos os trechos adiante com grifos nossos.

Verbo substantivo é o que não tem em si concentrado attributo algum; tal é o verbo *ser*. Como o verbo *ser* toma diversas fórmulas para indicar diferentes éras da existencia, mas não tenha fórmulas que por si só inculquem essa existencia, por isso é ajudado dos verbos auxiliares que lhe ministrão, bem como a todos os outros verbos, as fórmulas compostas e necessarias ao discurso.” (Bithencourt 1862: 83)

Verbo adjetivo pôde ser definido a concentração do attributo e o verbo em uma só palavra, como por exemplo: *amo*, que vale o mesmo que *sou amante*. **Todo o verbo adjetivo pôde ser dividido em dous membros**, partindo-o pelas suas terminações em *ar*, *er*, *ir*, como: *am-ar*, *tem-er*, *ouv-ir*. O primeiro membro, quer sómente conste de uma syllaba, quer de mais, e ainda de uma letra só, é a **parte radical, e a unica propria do verbo adjetivo, pela qual elle exprime o attributo**. *Am*, v.g., *tem* e *ouv* servem de outros tantos adjectivos equivalentes aos verbaes *am-ante*, *tem-ente* e *ouv-inte*. **Esta parte radical é invariavel em todos os tempos do verbo**, porquanto exprime constantemente o mesmo attributo. **A segunda parte, porém, que é a terminação em *ar*, *er*, *ir*, varia continuamente**. (Bithencourt 1862:99)

Neste item, pudemos ver que há coincidência de definições entre as gramáticas. O ‘verbo substantivo’ é, por exemplo, considerado a ‘terminação’ dos ‘verbos adjetivos’, em que o ‘radical’ representaria o ‘atributo’. A terminação seria responsável pelas conjugações, ao passo que o radical se manteria imóvel. Todos os autores tratam disso. Vemos, porém, que na definição de ‘verbo substantivo’ há mais semelhanças entre aquela dada por Soares Barbosa (1822) e Costa Duarte (1829), pois ambos consideram que este promove a coexistência do sujeito e do atributo. Nas edições posteriores, Costa Duarte relativizaria isso, dizendo que na língua portuguesa não é apenas *ser* que significa existência, mas também *estar*. Bithencourt, em texto, não define o ‘verbo substantivo’ diz apenas que o verbo substantivo toma diversas formas para significar as eras da existência. Ainda assim, a comparação textual permite ver que Soares Barbosa (1822) é parte relevante do *horizonte de retrospectão* das duas gramáticas. São justamente aspectos desse horizonte que são discutidos nos *metatextos* dos gramáticos brasileiros, os quais abordamos adiante.

Metatexto: debate sobre o conceito de ‘verbo substantivo’

Não há notas de rodapé na primeira edição (1829) do compêndio de Costa Duarte. As notas se apresentam, porém, em todas as edições a partir da terceira (1853, 1859, 1877). Não podemos afirmar se já estavam na segunda edição de 1840, pois não tivemos, ainda, acesso a ela. Entretanto, visto que a mudança de título que se mantém nas outras edições se inicia nela (cf. item 2, Blake 1883), é provável que já estivesse presente desde essa data. Logo após definir ‘verbo substantivo’, Costa Duarte (1853, 1859, 1877) afirma em nota que a ‘existência’ pode ser exprimida por diversos verbos:

O dizermos nós que a Língua Portuguesa tem dois Verbos que enuncião a existencia, não quer dizer que os outros a não exprimem; notamos só em *Ser* e *Estar* a significação de um modo muito mais expresso, por serem os de que se usa, quando se enuncia um attributo por uma idéa concreta. [...] Todos estes Verbos, ainda que menos expressamente, enuncião a existencia de uma idéa accessoria em uma principal: *Amar* a virtude, *Ter* amor á virtude, *Possuir* amor á virtude, *Gozar* do amor á virtude, *Ser amante* da virtude, *Ser* amador da virtude, tudo é o mesmo, pois as idéas são as mesmas, e só ha differença em as enunciar por nomes que significão ou qualidades, concretas, ou abstractas, ou por palavras que reúnem em si o attributo e o verbo. (Costa Duarte 1853:43)

Ele parece refutar o que disse anteriormente no *texto* (ver item 3.1), de que o ‘verbo substantivo’ é apenas o verbo *ser*. Isso não é dito de forma explícita, mas ele dá características próprias do verbo substantivo, como enunciar a existência de um atributo em um sujeito, para outros verbos, a saber: *estar*, *existir*, *haver* e *ter* – e se formos ainda mais longe, vemos que ele considera *possuir* e *gozar* equivalentes a esses verbos.

Adiante, na mesma nota, o gramático maranhense apresenta alguns argumentos contra a consideração do verbo *ser* como único ‘verbo substantivo’: (1) tal como *ser*, *estar*, *existir*, *ter* e *haver* não apresentam atributo algum; (2) *estar* e *existir* podem servir de cópula, característica do verbo substantivo; (3) o verbo *ser* não pode ser único, pois necessita de auxiliares para chegar a determinados tempos; (4) ou, em outros casos, depende de participios imperfeitos (atributos) para exprimir esse tempo; (5) e, por fim, diz que nem sempre o verbo *ser* serve para exprimir a relação de conveniência com o sujeito, sobretudo quando isto precisa ser feito por meio de uma qualidade abstrata, sem, entretanto, exemplificar.

Vemos no *metatexto* de Costa Duarte uma forte relativização das afirmações apresentadas pela obra que é seu horizonte de retrospectão. Lembremos, por exemplo, que Soares Barbosa inicia a definição de ‘verbo substantivo’ dizendo que ele era assim chamado “porque elle so he quem exprime a existencia de huma qualidade, ou attributo no sujeito da proposição. Elle, propriamente falando, he o unico verbo, e o de huma necessidade indispensavel na oração” (Soares Barbosa 1822:191)

A respeito da definição de ‘verbo adjetivo’, o gramático maranhense também apresenta uma longa nota de rodapé. Inicia-a refutando a definição dada em *texto*.

Citamos parte do *metatexto*:

Dizem os Grammaticos modernos que Verbo Adjectivo é a **redução e concentração, ou expressão abbreviada, do sujeito, do verbo substantivo, e do attributo verbal** em uma só palavra, como: *Amo, em lugar de Eu sou amante; Durmo, em lugar de Eu sou dormente* etc. Parece-nos que nisto ha **falta de reflexão, e que nem o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo.** (Costa Duarte 1853: 61)

Esta última afirmação, de que o ‘sujeito’, o ‘verbo substantivo’ e o ‘atributo verbal’ não estão concentrados no ‘verbo adjetivo’, é intrigante. Quanto ao sujeito, ele diz que este não poderia fazer parte do verbo substantivo, pois estes têm apenas variações de pessoa que mostram o caráter dele. Continua o metatexto dizendo que ‘verbo adjetivo’ tem duas partes, “a primeira é o attributo, e por tanto não é o sujeito: a segunda é o verbo que vai sempre tomando varias formas, para exprimir não só a relação de conveniencia, mas tambem os differentes modos, tempos, números, e caracteres das pessoas.” O que seriam então o ‘verbo’ e o ‘atributo’, visto que não poderiam ser o mesmo que ‘verbo substantivo’ e ‘atributo verbal’?

O gramático maranhense afirma que o ‘atributo’ não pode ser um ‘nome verbal’ (e, portanto, ‘atributo verbal’) como *amante*. Pois, como *amante* é considerado por ele um nome derivado do verbo *amar*, não faria sentido dizer que *ser amante* existe antes de *amar*. Vemos que Costa Duarte baseia sua crítica na ideia de origem, isto é, de uma ordem cronológica da criação das palavras, como se a expressão *Pedro é amante* existisse antes da expressão *Pedro ama*. De fato, é assim que a Gramática de Port-Royal trata esse tema, pois afirma que a linguagem não apresenta sempre o ‘verbo substantivo’ claramente porque os homens têm uma tendência a abreviar. O mesmo é endossado por Soares Barbosa (1822), quando ele diz que a ‘linguagem sintética’ é a necessária, ao passo que a linguagem analítica é um desenvolvimento não necessário desta⁸.

Considerando que os nomes surgiram antes dos verbos, na ordem de aparecimento das classes de palavras, Costa Duarte conclui que o atributo deveria ser um nome, tendo em conta que os nomes criaram-se antes dos verbos, como *amor*, mas neste caso o verbo

⁸ Essa polêmica acerca das origens se torna comum na gramaticografia brasileira do final do século. É possível ver, por exemplo, que Carneiro Ribeiro (1877, 1890) relativiza a cronologia do ‘verbo substantivo’, quando diz que ‘logicamente’ ele é anterior a todos os outros verbos, mas ‘cronologicamente’, não é possível chegar ao mesmo resultado.

substantivo teria de ser outro em vez *ser*. O que ele denomina ‘verbo’ na passagem citada anteriormente seriam as ‘terminações’: *ar*, *er* e *ir*. Citamos o trecho com grifos nossos:

Eu sou olho, Eu sou prego, Eu sou mão. Ora bem se ve que isto e falso e ridículo, assim como tambem o é dizer: *Eu sou olhante* ou *olhador*, *Eu sou pregante* ou *pregador*, *Eu sou maneante* ou *maneador*; pois não foi desses attributos que se fizerão aquelles verbos, e alem disto elles são nómes verbaes, e porisso não podião existir antes dos seus verbos. **Isto mesmo prova que todos os verbos nao são outra coisa mais do que nomes mais ou menos alterados, a que se ajuntarão significativas da relação de conveniencia desse mesmo attributo em um sujeito, as quaes vozes na nossa Lingua sao: *ar*, *êr*, *ir*.** (Costa Duarte 1853: 62)

Vê-se que o gramático não deixou a teoria do verbo substantivo totalmente de lado, mas a modificou consideravelmente. O dado linguístico selecionado para a categoria de ‘verbo substantivo’, que ele chama de ‘Verbo’, seriam as conjugações *ar*, *er* e *ir*, uma espécie de verbo que nunca está separada de seu atributo. O ‘atributo’ seria agora um ‘nome’ (*amor*) e não mais um ‘atributo verbal’ (*amante*). Assim, Costa Duarte defende que ao nome *amor* teria sido acrescentada, simplesmente, uma conjugação *ar*, tornando-o um verbo. Não haveria, portanto, a necessidade de distinção entre o que Soares Barbosa chamava de linguagem analítica e linguagem sintética. Haveria somente, em verdade, aquela análise do ‘verbo adjetivo’ em ‘radical’ e ‘terminação’. Esta concepção, que já estava presente em Soares Barbosa (1822) e na edição de 1829 de Costa Duarte e também em Bithencourt (1862), é nas edições posteriores de Costa Duarte (1853, 1859, 1877) dada como uma forma de refutar a análise de *Eu amo* por *Eu sou amante*. Esta última análise é considerada uma simples ‘tradução’ no *metatexto* de Costa Duarte, ao invés de ser a versão lógica comum a todas as línguas.

Bithencourt (1862) em reação ao *metatexto* de Costa Duarte, traz sinteticamente em seu próprio *metatexto* um claro retorno à teoria do verbo substantivo sustentada por Soares Barbosa (1822). Citamos dois trechos com grifos nossos:

É fóra de duvida que o verbo *ser* é o unico verbo substantivo, visto que elle por si só exprime a existencia de uma qualidade, ou attributo do sujeito da oração. Todos os mais verbos podem-se reduzir ao verbo *ser*. (Bithencourt 1862:81)

Não achamos de fórmula nenhuma procedente a opinião do Sr. Costa Duarte. Verdade é que os infinitos dos verbos formão-se dos substantivos correspondentes, mas também é certo que os adjectivos restrictivos ou explicativos verbaes são inseparaveis dos substantivos, e não é conceptivel assignalar prioridade de existencia de um a respeito de outro; fóra até absurdo querer assignalar essa prioridade. **Desde que houve a idéa de *amor*, naturalmente tambem houve a de *amante*, e reciprocamente. Aliás, o que significaria uma sem outra? A opinião portanto do Grammatico a que nos temos referido, nada tem de philosophica**, e tanto menos admissivel nos parece, quanto é certo que, **não querendo elle concordar com a opinião da maioria dos Grammaticos, muito competentemente expressada pelo erudito Jeronymo Soares Barbosa, de que todos os verbos se possam converter no substantivo *ser*, quer**

todavia, como se vê á pagina 61 do seu Epitome, que a expressão *amo*, se possa reduzir a est'outra: **tenho amor, desvirtuando deste modo a natureza dos verbos substantivos e auxiliares.** (Bithencourt 1862: 81)

Bithencourt apresenta, em seu *metatexto*, explícita resistência à mudança que Costa Duarte promove também em *metatexto*. Ambos explicam suas teorias, seja baseando-se numa autoridade, Soares Barbosa (1822), seja baseando-se em argumentos que fogem à tradição. A distinção entre *textos* e *metatextos* parece, portanto, ser um modo eficiente de se descobrir posicionamentos mais complexos dos gramáticos.

Considerações finais

Nossas considerações finais vão em direção a quatro temas: a análise de reedições, a elasticidade de continuidades e rupturas no “período filosófico” brasileiro, a possível originalidade de Costa Duarte (1853, 1859, 1877) e a conexão entre dados internos e o contexto de produção. Em relação ao primeiro, temos utilizado a análise de reedições de obras em nossa pesquisa de doutorado a fim de observar tanto a continuidade quanto a ruptura de forma mais minuciosa. Assim, caso uma gramática seja reproduzida fielmente a edições anteriores por um período considerável, temos um caso de continuidade. Caso contrário, as edições forem sempre modificadas, de maneira a modificar aspectos técnicos, teóricos ou documentais, vemos, minimamente, um momento de transição. A distinção entre a primeira edição do compêndio de Costa Duarte (1829) e as posteriores (1853, 1859, 1877) foi essencial para a análise realizada neste trabalho.

No que se refere à elasticidade de continuidades e descontinuidades no “período filosófico” brasileiro, é notável que embora os dois autores analisados tenham clara influência de Soares Barbosa (1822), um deles procure subverter a tradição, ao passo que o outro procure restabelecê-la. Mais ainda, vemos que Costa Duarte, por vezes, é hesitante em suas mudanças, apresentando conteúdos contraditórios em *texto* e *metatexto*. Assim, nesse contexto, não se pode pensar na ruptura de forma linear e definitiva. Atentamos ainda para o fato de que Soares Barbosa não foi base para todos os gramáticos brasileiros do período filosófico, havendo gramáticas que apresentam conceitos advindos diretamente das gramáticas francesas ou inglesas (cf., por exemplo, Morais Silva 1806, Carneiro Ribeiro 1877), o que contribui para um contexto complexo para tal período.

Em relação à uma possível originalidade de Costa Duarte, é notável que este gramático procura promover mudanças que saem do escopo teórico em que se embasava a obra que o influenciava. Por outro lado, sua tentativa é cortada por um gramático

posterior, que se adapta à tradição de Soares Barbosa (1822), e critica a tentativa do gramático maranhense. É comum definir a gramaticografia e mesmo a linguística brasileira como receptiva, porque raramente cria seus modelos, e eclética, porque mistura técnicas e teorias não compatíveis entre si (Altman 2004). No estudo feito neste trabalho, podemos observar que talvez haja certa originalidade nas edições posteriores de Costa Duarte, que se distancia de uma obra influente e parte para a análise dos dados por um modelo próprio. Quanto ao ecletismo, ele se mantém, visto que há contradição entre *texto* e *metatexto*.

Por fim, é sempre uma tarefa difícil e complexa relacionar contexto de produção e efetivamente a produção. Portanto, embora tenhamos dedicado o item 2 a uma breve descrição biográfica e bibliográfica dos dois gramáticos brasileiros, não acreditamos que seja já possível estabelecer a ponte entre o contexto de produção das obras e o conteúdo incluído nelas, pois seriam necessários mais estudos. Entretanto, ressaltamos novamente que os gramáticos parecem ter motivações diferentes ao publicar suas gramáticas, e as obras, por sua vez, alcançam graus diferentes de prestígio.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

BITHENCOURT, Raymundo Antonio Camara. *Epitome da grammatica philosophica da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro. Eduardo & Henrique Laemmert. 1862.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernersto. *Grammatica Portugueza Philosophica*. Bahia: Imprensa Economica. 1877.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Seroes grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. Bahia: Imprensa Popular. 1890.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio de grammatica portugueza, para uso das Escolas de Primeiras Letras*. Maranhão: Tipografia Nacional [Maranhão]. 1829.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza, escolhida pela congregacao do lyceo do maranhao para uso do mesmo e das aulas de primeiras letras da provincia*. 3ª ed. Maranhao : Na Livraria do Editor F Fructuoso Ferreira. 1853.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza Escolhida pela Congregação do Lycêo do Maranhão para o uso do mesmo Lycêo, e das aulas de primeiras letras da provincia*. Maranhão : Tipografia do Frias. 1859.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza, escolhida pela congregacao do lyceo do maranhao para uso do mesmo e das aulas de primeiras letras da provincia*. 6ª ed. Maranhao: Na Livraria do Editor Antonio Pereira Ramos D'Almeida. 1877.

MORAIS SILVA, Antonio. *Epitome da Grammatica Portugueza*. Lisboa: Off. de Simão Thaddeo Ferreira. 1806.

SOARES BARBOSA, Jerônimo. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia de Sciencias. 1822.

Fontes secundárias

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas. 2004.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire Générale et Raisonnée* de Port-Royal. Paris: de l'imprimerie de Munier. 1803[1660].

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. 2ª ed. [tradução do francês de Eni Puccinelli Orlandi]. São Paulo: Editora Unicamp. 2009[1992].

BLAKE, Augusto V. A. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Primeiro volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. 1883

BLAKE, Augusto V. A. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Sexto volume. Rio de Janeiro: Typographia Nacional. 1900

BOUARD, Bérengère. “Structure de la proposition et construction verbale: régime, complément et transitivité dans les grammaires françaises 1651-1863”. Thèse de Doctorat. Université Paris Diderot (Paris 7). 2007

CAVALIERE, Ricardo. “Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil”. *Alfa*. v. 45. p. 49-69. 2001.

ELIA, Silvio. “Os Estudos Filológicos no Brasil” In: *Ensaaios de Filologia e Linguística*. Rio de Janeiro: Grifo. 2ª ed. pp. 117-176. 1975.

KOERNER, Konrad. “On the problem of ‘influence’” In: _____. *Practicing Linguistic Historiography*. Series III - Studies in the history of the language sciences, v. 50. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1989.

MACIEL, Maximino. “Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa” In: _____. *Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 7ª ed. 1918[1910].

NASCENTES, Antenor. “A filologia portuguesa no Brasil (esboço histórico)” In: _____. *Estudos Filologicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 21-45. 1939.

PARREIRA, Andressa D. *Contribución a la historia de la gramática brasileña del siglo XIX*. Tesis Doctoral. Universidad de Salamanca. Faculdade de Filología. Julio de 2011.

POLACHINI, Bruna S. “O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do português do século XIX: estudo historiográfico.” Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. 2013.

ROSIELLO, Luigi. *Linguistica Illuminista*. Bologna: Il Mulino. 1967.